

APRESENTAÇÃO

Etnopoesia: formas, diálogos e expansões

Segismundo Spina, na obra *Na madrugada das formas poéticas*, afirma que os povos primevos praticavam a poesia improvisada, circunstancial, interessada pelos acontecimentos diários, profanos, amorosos, bélicos, contados com zombarias ou encômios. Estes povos se reuniam para se desafiarem em torneios baseados em “jogo de estrofes e contra-estrofes, golpes e contragolpes, perguntas e réplicas, desafios e contestações” (2002: 31). Poesia, música, e dança estavam relacionadas às práticas rituais religiosas, à magia, às atividades lúdicas e ao trabalho, sendo importantes representações do ritmo de vida e das tradições da comunidade.

Essas práticas artísticas mantêm-se vivas no caráter oral e performático. Ainda que a poesia popular circule sob a forma impressa, há nela a prevalência dos aspectos sonoros e o predomínio da preocupação com a vocalidade. Uma diversidade de formas e gêneros da tradição popular está em constante diálogo com outras artes, como a música, o cinema, o teatro, a dança e a gravura. Atualmente, artistas populares têm encontrado mecanismos de circulação de seus poemas improvisados ou previamente escritos em canais digitais, festivais, batalhas institucionalizadas ou organizadas espontaneamente nas comunidades.

Em relação aos estudos acadêmicos, pode-se afirmar que a etnopoesia é objeto de pesquisa de diferentes áreas do conhecimento, como antropologia, linguística, música e literatura. Este dossiê da Revista *eLyra* abre-se para os estudos das tradições populares seculares, em seus diálogos com a música e a performance, apresentando uma *Breve Antologia* de poemas populares e uma seção de artigos acadêmicos que permitem constatar os modos de permanência e os movimentos de expansão e transformação das tradições poéticas.

Claudia Neiva de Matos, no artigo “Etnopoesia e Etnopoética”, primeiramente oferece um consistente panorama histórico da etnopoesia; problematiza suas instabilidades conceituais; constata a invariante presença da vocalidade, mesmo em poemas escritos; apresenta as implicações da etnopoesia com a tradução, a performance e a interdisciplinaridade para, em seguida, apresentar as experiências e propostas do poeta e estudioso da etnopoética, Jerome Rothenberg.

Em “Apontamentos para um entendimento do trovadorismo alemão (*Minnesang*)”, J. Carlos Teixeira discorre sobre alguns elementos temáticos, fontes, testemunhos, performance, subgêneros e fases históricas do Trovadorismo alemão. O autor objetiva lançar luz para o *Minnesang* e estimular estudos comparativos das tradições poéticas trovadorescas europeias.

Danilo Mataveli apresenta algumas retomadas e recriações poéticas no artigo “Eu sou livre como o vento”: como cantadores da capoeira, entre os anos de 1940 a 1963, ressignificaram o poema *Peleja de Manoel Riachão com o diabo*, de Leandro Gomes de Barros”. O trabalho recorre a registros gravados e outras fontes documentais sobre cantos de capoeiristas que, em sua prática da capoeira, problematizaram a condição marginal da comunidade afrodescendente, conservando viva a sua tradição oral e a expressão artístico-cultural afro-brasileira. Danilo analisa os procedimentos de “recorte, edição e ressignificação” praticados por três capoeiristas - Bimba, Waldemar da Paixão e Traíra -, e os lê tanto como formas de apropriação e subversão lexical, semântica e rítmica do poema de cordel *Peleja de Manuel Riachão com o Diabo*, de Leandro Gomes de Barros, quanto afirmação do potencial artístico do cantador negro, em uma sociedade de caráter racista e escravocrata.

Elaine Correia de Oliveira e Francine Fernandes Weiss Ricieri, em “Vozes de mulheres negras na poesia, corpo, história e subjetividades: uma análise do Coletivo Alcova”, apresentam a trajetória do *Coletivo Alcova*, concebido por mulheres *slammers* e *performers*. As autoras comentam uma das apresentações artísticas realizada pelo Coletivo, com ênfase no andamento das vozes e nas implicações da vida na arte e da arte na vida.

O trabalho de Waltencir Alves de Oliveira, cujo título é “Ler a voz, ouvir a escrita, ou das ‘vozes meliantes’ da poesia de João Cabral de Melo Neto”, mobiliza depoimentos e poemas de João Cabral, além de textos da sua fortuna crítica, para analisar as implicações textuais da leitura em voz alta do poema e os limites entre escrita e fala. Ao problematizar a relação entre a composição textual e o alcance comunicacional da poesia cabralina, Waltencir evidencia que o rigor construtivo do poeta considera as dimensões visuais e sonoras do poema.

Em “Machado de Assis em versos de cordel: reflexões sobre o ensino da literatura na escola”, Renata Lopes da Silva Carrera e Francine Fernandes Weiss Ricieri analisam um poema de cordel que adapta o conto “A cartomante” (1884), de Machado de Assis (1839-1908). O artigo apresenta os recursos expressivos empregados pelo cordelista Antonio Barreto para a recriação da narrativa em um gênero marcado pelo rigor da forma fixa, rítmica e performática do cordel. As autoras reconhecem o potencial formativo da literatura de cordel e das adaptações literárias; propõem, para o processo de ensino e aprendizagem da literatura, o método comparativo de análise da presença de um texto em outro texto.

Natália Maria Lopes Nunes, em “O mito de Layla e Majnun na literatura universal: do amor humano ao amor divino”, confirma a permanência e as transfigurações do mito em obras literárias formadoras de uma universal tradição artístico-cultural. Para isso, apresenta alguns aspectos do período pré-islâmico, do conceito de amor udri, de fontes críticas da literatura árabe do al-Andalus e do amor puro sufi presentes no mito de Layla e Majnun. A autora comenta algumas obras em verso e prosa, com ênfase na poesia trovadoresca, no romance medieval *Tristão e Isolda* e na tragédia *Romeu e Julieta*, de Shakespeare.

O artigo “Práticas poéticas indígenas no período da invasão do Brasil à invasão dos sertões do Nordeste brasileiro”, de Lindoaldo Campos, é uma versão modificada de capítulo de sua recente obra *Maracá, gibão e viola* (2024) que reúne farta documentação sobre os povos indígenas do sertão pernambucano. Para compor o dossiê, o autor recolhe das historiografias brasileira e europeia, alguns aspectos da poesia indígena cantada e dançada, a fim de mapear as ocasiões em que os indígenas cantavam e dançavam; as relações entre música, poesia e dança; a importância do improviso e do diálogo para os poetas-cantores.

A seção *Breve Antologia de poemas do Sertão do Pajeú de Pernambuco – Brasil* é dedicada à criação artística de poemas de formas fixas e temas diversos, compostos por poetisas e poetas que habitam o sertão pernambucano, banhado pelas águas do rio Pajeú, região em que a poesia popular está presente no dia-a-dia das comunidades, sendo lida, declamada e cantada de modo improvisado ou não. O Sertão do Pajeú mantém vivas as mais diversas formas poéticas, como quadrão, mourão, martelo e galope à beira-mar. Essa tradição é mantida pelo contato, desde a infância, com as cantorias de viola, a leitura de poemas de cordel e o ensino de poesia popular na escola. A comunidade habitualmente ouve e compõe quadras, trovas, sextilhas, septilhas, oitavas e décimas, em ocasiões como mesas de glosa, festivais e festas populares, espaços em que há a partilha de conhecimentos e experiências de criação poética. Essa Antologia reúne oito poetas do Vale do Pajeú compromissados com a preservação da tradição poética da região.

Desafiado com o mote de dois versos decassílabos, Dedé Monteiro compõe duas décimas nos moldes do martelo agalopado, forma brasileira oriunda do decassílabo europeu. Todos os versos são acentuados nas sílabas 3, 6, 8 e 10, sendo empregada a tonicidade 3,3,2,2, correspondente aos dois trotes largos e dois curtos do galope do cavalo, conforme ensinam Cavalcanti Proença e Glauco Mattoso quando apresentam as marcas do martelo agalopado. Dedé Monteiro celebra, na primeira estrofe, a chegada do inverno no sertão, quando a chuva faz florescer a campina. Na segunda estrofe, o poeta concentra o breve e calcinante verão em quatro versos para instaurar, nos versos seguintes, o otimismo do retorno do inverno, com a chuva a restituir o alimento que dá lugar à vida.

Cantar a natureza campestre é prática comum a poetas de gerações diferentes que participam dessa *Breve Antologia*. Lucas Rafael também emprega décimas decassílabas, com o mote de um só verso composto pela poetisa Isabelly Moreira, para apresentar, de modo afetuoso, o sertão de crenças, sonhos, lutas, trabalho e poesia.

O tema permanece no poema de C. Franc, cujo mote de dois versos revela a beleza *sui generis* das cidades do Pajeú, pelas quais a voz lírica se desloca, admirada. Desta vez, o Pajeú é cantado em décimas heptassílabas, com a reprodução de variações próprias da língua falada, como são exemplos o emprego consciente da cacoeípa *zói*, designativa de olhos; e do metaplasmo no verso “coisa que me admira” que, por anaptixe, acrescenta um fonema em admira, em prol da regularidade métrica.

“Fim de feira”, de autoria de Dedé Monteiro, também tematiza o sertão. O poema é estruturado em quinze décimas heptassilábicas, e cada estrofe se refere a um episódio da feira popular e cada episódio revela a intrincada relação entre trabalho, pobreza e injustiça social. O poema elenca uma série de personagens que vivem e sobrevivem nas cidades; apreende o movimento de expansão da feira com a variedade de produtos, a presença do povo e o momento da pechincha; denuncia as relações entre patrão e empregado; descreve o ritmo apressado dos transeuntes, a pregação religiosa, o calor intenso, e a mistura de elementos campestres e urbanos; cria a bonita e triste imagem do “pobre que azavessa o bolso”, numa alusão a Fabiano, personagem de *Vidas secas*, em sua terrível experiência de privação e consciência de que o soldo não seria suficiente para a compra dos itens pedidos por Sinhá Vitória, sua companheira. Apesar de composto na cidade de Tabira, o poema “Fim de feira” é uma representação bastante verossímil de feiras populares de muitas localidades do Brasil e do mundo.

Outro tema caro ao poeta popular é a própria poesia. Louvá-la como dádiva ou trabalho criativo é reafirmar seu valor social e reconhecer a importância de poetas e poetisas para a preservação de uma poesia viva e circunstancial.

Vivi Maria condensa em duas décimas heptassílabas o conceito de poesia como transfiguração da natureza. Francisca Araújo também apresenta um metapoema, composto de décimas decassílabas, sem mote, e estrutura rímica regular nas seis estrofes, ABABCCDEED. Adeval Soares também pratica a décima autônoma, em heptassílabos, para cantar o mote de dois versos “Quem sabe o valor do voto/ Vota livre e não se vende.”, poema que preserva o esquema rímico praticado por poetas como Gregório de Matos, Dimas Batista, José Limeira: ABBAACDDC.

A sextilha heptassilábica é muito empregada no poema de cordel. Verônica Sobral estrutura as suas sextilhas em dois períodos de três versos heptassílabos, formando paralelismos que funcionam como amplificadores de seu conceito de poesia. O esquema rímico acompanha a estrutura de cada sextilha: AABCCB, sendo a rima em B um elemento de ligação entre os dois períodos.

Genildo Santana nomeia poetas de tempos e espaços diversos, de Homero a Paulo Leminski, para cantar a universalidade e a diversidade de formas e metros poéticos. Suas

sextilhas, assim como a de autoria de Adeval Soares, apresentam rima entre os versos pares e o emprego da redondilha maior, métrica bastante popular no Sertão do Pajeú, presente nas mesas de glosas, no cordel, em motes e cantorias de repente.

Essa *Breve Antologia* dá a ver e a ouvir as singularidades da poesia popular de bancada ou de improviso, a importância das regras e de sua preservação como forma de resistência, o traço circunstancial de uma poesia ligada ao dia-a-dia do poeta e às demandas sociais.

Espera-se que leitoras e leitores apreciem, neste volume, as formas da etnopoesia, suas relações com outras artes, as retomadas e transfigurações de estruturas e ritmos de uma poesia que carrega consigo as marcas da oralidade, da diversidade, do sentido de coletividade e do desejo de preservação da memória cultural, histórica e artística dos povos.

E um **Salve!** às poetisas e aos poetas que contribuíram com a Antologia; às pesquisadoras e pesquisadores que compartilharam seus trabalhos acadêmicos; aos pareceristas colaboradores; à Dr.^a Lurdes Gonçalves que orientou os trabalhos de diagramação e idealizou a Capa; à direção da Revista eLyra!

Fabiane Renata Borsato

BIBLIOGRAFIA

- Mattoso, Glauco (2010), *O sexo do verso: machismo e feminismo na regra da poesia - Tratado de versificação*. São Paulo, Annablume.
- Proença, Manuel Cavalcanti (1955), *Ritmo e poesia*. Rio de Janeiro, Simões Editora. [Coleção Rex Filologia]
- Spina, Segismundo (2002), *Na madrugada das formas poéticas*. São Paulo, Ateliê editorial.